

História das Águas
Rio Negro

História das Águas Rio Negro

Adriano Gambarini

Laís Duarte



1ª edição
Janeiro 2020









Para todas as águas de todos os rios
desta imensa floresta, que possam
fluir cristalinas pelas almas dos
homens. Para Flavia Ribeiro, com
quem navego pela vida.

Adriano Gambarini

Para os corajosos povos da floresta,
que há séculos ensinam a arte de
levantar depois de cair, de viver
sem destruir, de perseverar em meio
à natureza.

Laís Duarte



PREFÁCIO

Navegar pelo Rio Negro em um barco amazônico como o Maira traz a visão realista do que poeticamente é relatado neste livro. São belezas inigualáveis que ficam para sempre na memória de quem tem o privilégio de visitar a região ou, esperamos, de quem aprecia o que está por vir nas páginas subsequentes. O verde das florestas, os reflexos nas águas e as cores das culturas regionais são alguns exemplos das maravilhas amazônicas.

Nosso envolvimento com o Maira é cheio de momentos valiosos. O Instituto de Pesquisas Ecológicas – IPÊ embarcou neste sonho há quase 20 anos e vem construindo histórias, como o leitor poderá apreciar em cada história deste livro.

Um barco no Rio Negro é indispensável, com um arquipélago com mais de 400 ilhas como Anavilhanas, para quem trabalha com conservação da natureza e sustentabilidade com comunidades ribeirinhas. O que está magistralmente relatado e retratado neste livro é fruto de um trabalho altamente profissional dos autores. Mas o trabalho descrito foi realizado ao longo dos anos e devemos a uma equipe comprometida, a parcerias com grupos locais, fundações e empresas que compactuam de ideais comuns, como, por exemplo, ver o bioma amazônico e suas culturas tão diversas e ricas serem valorizados por todos.

A natureza surpreende pela imensidão de tudo o que ali existe e a cada momento se mostra com nuances de cores e texturas ímpares – verdadeiros quadros impressionistas. São muitas as espécies e os ecossistemas que merecem ser protegidos. Quanto às comunidades locais, nosso trabalho tem sido variado, como é bem descrito nos capítulos que se seguem: cadeias produtivas com espécies amazônicas, alternativas sustentáveis diversas, artesanatos de madeira que retratam animais da região, agricultura sem o uso de fogo e até uma biblioteca e um restaurante comunitários.

Este livro mostra a natureza e as culturas regionais vistas por quem embarcou com ganas de adentrar o universo amazônico. Descreve o intangível que se torna tangível – verdadeira prova de que tudo é possível quando o propósito é maior. E a Amazônia é maior do que tudo o que conhecemos. É grandiosa. Merece nosso respeito, nossa celebração e todo empenho para que se perpetue ao longo do tempo. Nosso orgulho de fazer parte dessa história é profundo, como são as águas do Rio Negro. É uma mostra de que há um fortalecimento mútuo quando pessoas e organizações com ideias transformadoras se mesclam para sonhar e realizar o que antes parecia impossível. Muitos estão ligados pelo Maira e por muitas outras frentes que visam ver o Brasil brilhar por sua riqueza socioambiental. Esperamos que vocês, leitores, também embarquem conosco rumo a utopias similares.

Suzana & Claudio Pádua







“[...] nenhum rio separa, antes
costura os destinos dos viventes.”

Mia Couto



CAMINHOS DA VIDA

Se a Amazônia é uma imensidão verde no imaginário do mundo inteiro, isso é graças às suas árvores gigantescas que se alastram por quase metade do Brasil. Mas quem vê de perto enxerga mais água do que plantas, e elas só estão ali por causa da imensidão de águas. Há as claras, transparentes. Há as barrentas, como terra derretida a escorrer apressada. E há o Rio Negro.

O caldo quente, denso, único e negro intriga quem ocupa a floresta há milhares de anos. As águas pretas não se misturam com as águas barrentas do Rio Solimões, no encontro das águas famoso no mundo todo. Correm paralelamente, dançam lado a lado, como que para manter sua raridade.

Conta a lenda dos primeiros indígenas que ocuparam a região de Manaus que uma índia faleceu ao parir gêmeos. E, como reza a tradição em muitas etnias, gêmeos deveriam ser enterrados vivos. Na tentativa de salvar os filhos do destino, o pai das crianças fugiu com os dois bebês para longe, fincando raízes onde hoje está o "encontro das águas". Lá, ele criou os gêmeos, mas não conseguiu garantir a paz. Os irmãos brigavam muito. Um deles tornou-se artesão, sempre passava o dia a manipular argila para criar utensílios. Para se afastar do irmão, após a morte do pai, dividiu o lugar, tanto a terra como a água. Usou toras de madeira para fazer a divisão, criando uma fenda entre os teltos que corriam misturados.

Unidos na origem, permaneceram separados pelas águas, assim como os dois rios que se agregam para formar o Amazonas. Muitos anos depois, o irmão isolado morreu de malária, e o artesão decidiu tirar as toras de madeira que o distanciavam do falecido. Ao acabar com a segregação viu que o rio de cor negra não se misturava mais com o rio sujo de barro. Corria mais lento, mais calmo, mais quente. E assim correm os rios Negro e Solimões até hoje, a matar a sede da floresta, a dar origem ao Amazonas, a alimentar o corpo e a alma do povo das águas.





"Água é para todos. Se não for a água ninguém vive. A coisa mais importante do mundo é a água do rio. Se falta água, todo mundo reclama. Se estou na beira do rio, eu posso não ter o que comer mas estou vivo."

Praxedes Palheta dos Santos, pescador







AS LENDAS DE UM RIO

É só ver a noite cobrir com seu manto uma floresta inteira. Não conseguindo enxergar, os homens apuram os ouvidos para ouvir os sons da mata, ouvir histórias que passam de boca em boca há incontáveis gerações. E, assim, das lições ensinadas em forma de história, debaixo das árvores, das madrugadas enluaradas, à margem dos rios, nascem as lendas amazônicas.

São narrativas míticas, repetidas há milhares de anos para explicar a origem ou a razão de um fenômeno. Florescem e ganham detalhes variados em cada aldeia, em cada etnia, tornando-se um patrimônio cultural da região, uma outra riqueza da floresta. Seja para amedrontar as crianças, seja para proteger os adultos, as fábulas seguem profundamente enraizadas no tecido social dos povos que vivem na Amazônia. De uma comunidade para a outra, as aventuras são alteradas, os personagens permanecem os mesmos. No falar da gente da terra expressam-se símbolos para as origens de cada um, gente, bicho, rio ou árvore, lembram seus moradores quem são, de onde vieram e para onde vão.

Mapinguari

Poucos personagens são tão frequentes nos causos contados à boca miúda, de ponta a ponta do Rio Negro, como o Mapinguari. Todos já ouviram falar da criatura, um monstro feio, peludo, com uma boca enorme localizada no meio da barriga, por onde solta gritos terríveis e devora tudo que surge pela frente. Os índios o batizaram de Mapinguari.

Segundo a história repetida pelos povos nativos, quando ele percebe a presença humana, fica de pé

e alcança facilmente 2 metros de altura. Suas mãos possuem longas garras e seu cheiro horrível lembra o de um gambá. Esse odor faz com que sua presa fique tonta, o que permite ao bicho apanhá-la com facilidade.

A boca do Mapinguari se abre na vertical e vai do peito até a barriga. Os historiadores da região relacionam a descrição do lendário com a preguiça gigante, extinta há 10 mil anos.

Os homens nararam horripilantes encontros com esse medonho ser nas florestas que cobrem a maior parte de sua terra indígena e zonas circunvizinhas. Seu José Pancrácio, cacique Barê na comunidade Nova Esperança, no Baixo Rio Negro, cresceu com medo da criatura depois que ela atacou seu avô. Pelo relato do cacique, o avô saiu já a tardinha para ir à roça, que ficava muito distante da aldeia, coisa de umas 2 horas de caminhada mata adentro. Fora alertado pelos mais velhos para fazer a viagem no dia seguinte, mas insistiu na urgência de começar o serviço.

No meio do caminho sentiu algo apalpa-lá por trás, num abraço apertado e ameaçador. O mau cheiro que impregnava o ar revelou ao índio que se tratava do Mapinguari. O terçado, facão que ele trazia nas mãos trêmulas, caiu no chão. Tomado pelo pânico, sentia a bocarra do animal a babar nas suas costas. O que o Mapinguari não sabia é que tinha entre seus braços um poderoso pajé, formado na arte das rezas Barê. Como um mantra, ele começou a repetir as orações, uma após a outra, sem pausas, sem abrir os olhos. Venceu o Mapinguari pelo cansaço. Rezando sem parar, sentiu quando o animal o saltou e foi tomado por um sono intenso. Caiu no chão, quase desmaiado, sem forças.

No sonho, uma pessoa disse que algo ruim ia lhe acontecer. Ele precisava se levantar. Ele precisava fugir. Abriu os olhos, reuniu a energia que lhe restava e correu. Minutos depois, ouviu os gritos do Mapinguari: "ii", a relinchar pela floresta. Retomou a corrida e só parou ao adentrar a aldeia. Lá desmaiou novamente.

Como os outros indígenas também ouviram os berros do bicho, um círculo de fogueiras foi feito para impedir que o Mapinguari chegasse até a maloca. E o pajé nunca mais foi para a roça perto da anoitecer.

Cobra grande

O folclore amazônico passa pelos voltas do corpo de uma serpente, a Boiúna, cobra grande, uma enorme sucuri que permeia o imaginário popular. Reza a lenda que ela habita o fundo de rios, lagos e igarapés. Desliza pelas águas, e seu corpo, tão brilhante, reflete o luar. Seus olhos irradiam uma luz poderosa, capaz de atrair pescadores que se aproximam pensando se tratar de um barco grande. Porém, quando eles chegam perto dela, são devorados.

Conta-se que, em certa tribo indígena na Amazônia, uma índia grávida deu à luz duas crianças-cobras gêmeas: um menino, que recebeu o nome de Honorato (ou Norato) e uma menina que se chamou Caniana. Honorato era tranquilo, não causava nenhum mal, mas sua irmã tinha uma personalidade muito perversa. Provocava sérios prejuízos aos outros animais e também às pessoas. Eram tantas as maldades praticadas por ela que Honorato acabou por matá-la para pôr fim às suas perversidades.

Em algumas noites de luar, Honorato perdia seu encanto e adquiria a forma humana. Transformava-se em um belo e elegante rapaz, deixando as águas para levar uma vida normal na terra. Para que se quebrasse definitivamente o encanto de Honorato, era preciso que alguém, dotado de extrema coragem, derramasse leite na boca da enorme cobra e fizesse um ferimento em sua cabeça. Mas faltavam indígenas valentes para enfrentar

Rodrigues que o diga. O medo da areia branca é herança ainda da infância, quando a região vivia uma seca extrema. O barco, que antes deslizava com suavidade pelas águas, agora precisava ser arrastado. Pai, mãe e filhos usavam os remos para cavar a terra e puxavam a embarcação pelo leito do Auarã, afluente do Rio Negro, para se aproximarem das margens. Ao avistar o grande rio, de águas mansas e negras, embarcaram novamente para se deixarem levar.

Entre uma curva e outra, Analina viu uma cobra grande, uma Malwa, sair da prola revolvendo a areia e mergulhar. Um redemoinho se formou e ameaçava dragar o bote. O irmão da menina pegou o remo para ajudar o pai. A irmã gritava assustada: olha o bicho! O barco foi jogado para a margem e de lá ela diz ter visto uma onda de mais de 10 metros de altura levantar as águas escuras e o tal bicho desaparecer. Hoje, já aposentado do ofício de alfabetizar crianças, ela reflete. Ao cavar a terra, devem ter perturbado o sono do bicho e ele quis se vingar.

Boto

Uma cena comum para quem tem a sorte de ver as águas do Rio Negro banhando a porta de casa, mas de uma rara beleza, admirar o boto-cor-de-rosa saltando num bailar natural. A espécie, também conhecida como boto-cinza, toninha ou

boto do Amazonas, é o maior golfinho de rio do mundo, já que os mochos adultos podem chegar a 185 quilos e 2,5 metros de comprimento. Vive nas águas dos rios amazônicos do Brasil, Bolívia, Colômbia e Venezuela.

O rosa-avermelhado vibrante que surge no leito dos rios se deve às veias que ficam bem abaixo da pele. A tonalidade varia com a idade e com o sexo do animal. Os recém-nascidos e jovens são cinzentos e os adultos são rosados. A cor dos machos é, geralmente, mais viva que a das fêmeas.

O boto pode viver em grupos pequenos de até quatro animais, mas a maioria vive em pares – a fêmea e seu filhote. Alimenta-se de peixes, mas seu cardápio é variado: os cientistas já registraram cerca de 50 espécies de peixes que podem ser capturadas pelo boto. Vez por outra complementam as refeições com moluscos e crustáceos.

Quando o fim do ano se aproxima, ali por outubro e novembro, vem a época de acasalamento. E, ao chegarem as festas juninas, nascem os filhotes, quando os rios estão bem cheios. Os pequenos vêm ao mundo com 80 centímetros e alimentam-se do leite da mãe, sem pressa, por bastante tempo. As chegadas e partidas dos botos são espetáculos acompanhados de petto por quem vive na floresta. A presença tão próxima do mamífero

aquático acabou dando origem a uma lenda bem famosa na Amazônia. Diz-se que nas noites de lua cheia, nos tempos de festas juninas, o boto-cor-de-rosa sai do rio, transforma-se em metade homem e continua em condição de boto na outra metade do corpo.

Muito atraente e com um belo porte físico, o ser metamorfoseado passeia pelas comunidades distribuindo seu charme. Encanta e seduz a moça mais bonita, leva-a para a margem do rio e a engravida. Volta, então, a ser um boto-cor-de-rosa.

O mito é repetido de geração em geração para justificar bebês inesperados, filhos de mães solteiras. Nas localidades interiores é comum a recomendação de que as mulheres não andem de canoa, não transitem pelos beiradões, não mergulhem nas águas do rio quando estiverem menstruadas, para não atrair os botos. Seriam presas fáceis para uma criatura tão bela e sedutora.

Curupira

Em uma época em que é preciso proteger o que resta de nossas matas, a figura do Curupira nunca foi tão necessária. O menino ruivo tem os pés ao avesso, com os calcanhares para frente, o que o faz enganar os caçadores com suas pegadas, deixando-os perdidos nas florestas.

O nome vem do tupi-guarani: "curu" é uma derivação de curumim, que significa menino, e "pira", corpo. Para assustar os caçadores, lenhadores e outros predadores da floresta, o curupira emite sons e assovios agudos, já ouvidos por seu José Pancrácio, cacique Baré da comunidade Nova Esperança. Ele tinha 39 anos e carregava consigo a responsabilidade de alimentar a família. Tinha chegado ao Baixo Rio Negro há pouco tempo, a roça não tinha crescido, faltava comida na mesa. O jeito para não morrer de fome era caçar um macaco, uma cotia de vez em quando. E foi numa dessas expedições que ele viu uma pessoa passar e se esconder atrás de uma árvore grossa. O rapazinho olhava Pancrácio e depois se escondia novamente.

Com medo, o cacique pegou a espingarda e procurou o menino. Sentiu um arrepio pelo corpo. Quando se aproximou da árvore, o Curupira já não estava mais lá. Além da árvore havia um formigueiro e, no topo da terra fofa, a pegada marcada, grande, virada para trás.

Ao longe, ouviu alguém bater na raiz de uma sapopema. E só quem já ouviu esse som o reconhece: é como um tiro cortando a floresta, um estrondo no ar. Pancrácio começou a sentir de novo o arrepio, acompanhado de muito sono, um cansaço extremo e lhe consumir as forças. Deixou o corpo cair sob uma árvore e dormiu. No sonho reviu a figura do Curupira e ouviu uma voz alertando para que se levantasse e fosse embora. Acordou e pegou a canoa para voltar à aldeia. Do meio do rio ainda escutou-o gritar: Com medo, seu Pancrácio enfiou a canoa num igarapé e lá esperou. Rezou uma reza atrás da outra e jurou nunca mais caçar ali.

O cacique dá a dica: antes de entrar na floresta ou no rio é preciso pedir permissão, licença para invadir a natureza, para que suas forças não se voltem contra o visitante. E para fugir de um Curupira é só fazer um novelo de cipó bem emaranhado, embaraçado, com a ponta escondida, de forma que o menino não a consiga achar. Por ser curioso como ele só, o ruivinho se esquece de seu alvo e fica tentando desemaranhar o novelo. Outra opção é tecer uma peneira com a palha do buriti, ou de qualquer palmeira, e jogar para trás. O traquinás se entretém com a trama enquanto o caçador foge. Caso se perca na floresta densa por obra do Curupira, a dica do cacique é tirar a camisa e virar do avesso. A saída irá aparecer.

Encantado

Conta-se entre os Barés que, nas margens do Rio Negro, o Encantado pode pôr em risco a vida das crianças. Dona Sônia Garrido mesmo não se assusta. Ela conta que meninas

menstruadas não podem sair no mato, nem nadar nos rios, nem mesmo pedindo licença à mãe natureza. O resultado é dor de cabeça forte, fraqueza, nervosismo, sonhos ruins atrapalhando o sono. Por orde passam as mulheres sangrando, morrem manivas, bananeiras, corás. Culpa do Encantado, que tem o poder de adoecer roça e gente.

"Naqueles dias" a ordem entre os indígenas é que as mulheres fiquem em casa e peçam ao pajé para "assoprar", fazer uma reza, para melhorar os sintomas causados pela perseguição dos Encantados, aterrorizados pela menstruação. Se a mãe estiver a banhar seu filho, os Encantados se aproveitam, porque o espírito da criança não é tão forte como o do adulto. O curumim atingido pode sumir na mata, enlouquecer ou virar um boto.

Muitos desses seres encantados da floresta, segundo os relatos dos indígenas, têm o poder de controlar os humanos e levá-los para um mundo onde

habitam gigantes como a cobra grande, o Mapiгуари e tantas outras entidades sobrenaturais da Amazônia.

A ilha que anda

Seu Olavo Faustino da Silva gosta de dizer que já veio ao mundo pescador por ter nascido às margens do Negro. Aos 9 anos, se instalou à beira do afluente, o Rio Cuieiras, de onde nunca mais saiu. "Quando cheguei em 1964, 7 de setembro, domingo, meu pai tinha uma canoa. Botamos tudo o que tínhamos dentro e trouxemos com duas canoas à reboque. Tenho fé em Deus que só saia daqui para o chão mesmo, para o cemitério. Para me tirar daqui só Deus." Uma certeza que ele lapidou ao longo dos anos que passou navegando.

É um daqueles homens que carrega uma imensidão no próprio rosto. Já pescou, já plantou, extraiu madeira. Entrou na escola aos 48 anos, já pai de sete filhos, cinco mulheres e dois homens. Foi com vergonha, mesmo já adulto, pedir ao pai a bênção para deixar a casa e se entregar aos livros, com medo de ser criticado pela autoridade paterna. Qual não foi a surpresa ao ouvir do pai que escola nunca fez mal a ninguém.

Seu Olavo Faustino não é dado a acreditar em lendas, mas conta que já viu a tal ilha que anda pelos corredores da água da Amazônia. No meio de uma pescaria, ao amanhecer, viu a faixa de terra estacionada em um local do rio. Era uma ilha de aninga, coberta por uma vegetação ameaçada de extinção, muito densa, que pode chegar a 4 metros de altura. Lugar bonito e conhecido por ter muito peixe. Pirarucus e tambaquis em fartura circulavam por ali.

No dia seguinte, cedinho, quando Olavo e os colegas acordaram para retomar o trabalho, a tal porção de terra já não estava no mesmo lugar. A ilha nômade acabou causando temor e muitos pescadores já não eram mais seduzidos pela abundância de pescado. O medo falava mais alto.

